

A CONSTRUÇÃO *COMO SE NÃO BASTASSE* SOB A PERSPECTIVA DA LINGUÍSTICA FUNCIONAL CENTRADA NO USO

Samara Costa Moura

Orientador: Ivo da Costa do Rosário

MESTRANDA

RESUMO: Apresentam-se, neste trabalho, as análises iniciais da pesquisa em andamento sobre a construção “como se não bastasse”, nas modalidades oral e escrita do Português Brasileiro (PB), como mostram os dados extraídos do Corpus do Português, disponível em <http://www.corpusdoportugues.org/hist-gen/2008/x.asp>. Como exemplo dessa construção, temos: (a) *Estão mesmo querendo acabar com Matinhos como cidade balneária, e transformá-la em Cidade Lixão. **Como se não bastasse** a usina termoelétrica (que idéia poluída) estão agora construindo o lixão de Matinhos na bela Avenida do Contorno.* No exemplo (a), a construção encontra-se anteposta à oração matriz e pertence a um contexto pragmático de avaliação negativa no ponto de vista do falante. Entretanto, nem sempre essa avaliação negativa se confirma nos dados. Vejamos mais uma ocorrência: (b) *Mais de 110 golfistas estiveram em ação, (...). **Como se não bastasse**, a competição contou com um esquema de organização perfeito, o que contribuiu para o seu êxito.* No exemplo (b), a construção também está anteposta à oração matriz, no entanto, neste caso, ela pertence a um contexto pragmático de avaliação positiva, o que corrobora com a nossa hipótese de que a construção recebe o seu significado com base na avaliação do falante. Propõe-se, para tanto, a descrição do objeto em estudo sob o viés cognitivo-funcional, com o propósito de investigar as funções semântico-cognitivas e discursivo-pragmáticas que motivam o seu uso. Ademais, busca-se analisar a construção

com base no conceito de (inter)subjetividade proposto por Traugott (1989). Segundo a autora, esse é um processo semântico pelo qual um elemento linguístico passa a desenvolver novos sentidos que têm como referência a perspectiva do falante. A partir dos resultados iniciais, conjectura-se, como hipótese inicial deste trabalho, que a construção “como se não bastasse” aparece inserida tanto em contextos de avaliação negativa, como em contextos de avaliação positiva, a depender da intencionalidade/avaliação do falante.

PALAVRAS-CHAVE: Linguística Funcional Centrada no Uso, Como se não bastasse.

Considerações Iniciais

Há um consenso entre as gramáticas tradicionais em tratar o conectivo “como se” como um conglomerado comparativo-hipotético. No entanto, as justificativas para tal definição se mostram insuficientes, uma vez que consideram apenas o caráter formal do conectivo. Ademais, vale destacar que alguns gramáticos apresentam o conectivo “como se” apenas como opção de uso, desconsiderando não só a sua particularidade como também o contexto discursivo-pragmático em que ele pode ser inserido.

Assim, com base nessa breve introdução, chega-se ao recorte feito para este trabalho – a análise de “como se não bastasse” – e que, a partir de agora, será chamado de *construção* com base na definição de Goldberg (1995, 2006) para quem a construção é um pareamento convencionalizado de forma e significado, como esquema simbólico a partir do qual são instanciados os componentes da gramática. Vejamos dois exemplos da construção “como se não bastasse”, retirados da interface nova do *Corpus do Português*:

(1) 13/10/1307 -- sexta-feira -- acredita- se então, que a superstição tenha nascido de aí. Jesus cristo ceiou por a ultima vez com doze pessoas, treze com ele. Logo após foi crucificado e Judas se matou. Temos alem de esses, outros fatos que apóiam que o número treze não é legal. **como se não bastasse** toda essa ` urucubaca' sobre o número treze, acredita- se também, que Jesus Cristo tenha sido morto em uma sexta-feira treze. Então, junta- se um dia de a semana ruim (sexta-feira) e um número (13) macábri, fica então, um dia sem muitas expectativas boas! Tive sextas 13 muito ruins, já me roubaram bicicleta, carteira, assaltos. (<http://001pontodevista.zip.net/>, acesso em julho de 2018)

(2) 13/03/2009 Ringue de Jesus! E Jesus Cristo disse: " se qualquer te bater em a face direita, oferece- lhe também a outra "» e parece que eles

levaram realmente ao pé de a letra! Vou situar a vocês: A Igreja "« Renascer em Cristo "» promoveu, organizou, sei lá como se dá o nome de isso!! Mas enfim, a igreja abrigou um campeonato de Vale Tudo com o intuito de atrair os jovens. **como se não bastasse** os bispos fugindo de o país com rios de dinheiro, o teto que cai literalmente sobre a cabeça de os fieis (dizem que em o momento de a pregação o pastor disse "« que o teto caia sobre a minha cabeça se eu estiver mentindo "»), brincadeiras a a parte! Uma igreja que quer obrigar crianças a parir, a outra que quer promover luta livre pra atrair. (<http://001pontodevista.zip.net/>, acesso em julho de 2018)

Considerando uma análise preliminar, podemos observar que a ocorrência (1) representa o uso mais prototípico da construção “como se não bastasse”, uma vez que ela ainda carrega o significado de seus componentes. À diferença de (1), a ocorrência (2) não tem verbo flexionado, o que nos leva à hipótese de que a construção pode está perdendo a sua composicionalidade, conceito que será abordado nas próximas seções.

Vale reforçar que a escolha do tema para estudo se deve à falta de abordagens sistemáticas na literatura especializada. Rocha Lima (2011, p.350), por exemplo, trata a construção *como se* como um conglomerado comparativo-hipotético. Para o autor, quando há comparação referida a fato inexistente, emprega-se *como se*. Segundo Bechara (2009, p.495), *através de como se indicamos que o termo de comparação é hipotético* (grifo nosso).

Conforme visto, as perspectivas tradicionais preocupam-se em estudar aquilo que é central na língua e desconsideram as situações de uso. Portanto, como se pode perceber, as gramáticas tradicionais carecem de uma explicação coerente para a construção em estudo. Dessa forma, tornam-se necessários os estudos que contemplam a língua em seu uso concreto.

Haja vista as considerações iniciais, partimos para a explicitação da fundamentação teórica que norteia esta pesquisa – traçamos as características principais da Linguística Funcional Centrada no Uso (LFCU) e algumas propriedades da Gramática de Construções. Em seguida, apresentamos a metodologia utilizada nesta pesquisa. Na seção seguinte, a análise dos dados, depois, as considerações finais e, por fim, as referências bibliográficas.

Fundamentação Teórica

Linguística Funcional centrada no uso

A definição do termo Linguística Funcional Centrada no Uso (LFCU) tem origem no conjunto de pressupostos teórico-metodológicos compartilhados entre a Linguística Funcional e a Linguística cognitiva, vejamos:

(...) rejeição à autonomia da sintaxe, a incorporação da semântica e da pragmática às análises, a não distinção estrita entre léxico e gramática, a relação estreita entre a estrutura das línguas e o uso que os falantes fazem delas nos contextos reais de comunicação, o entendimento de que os dados para a análise linguística são enunciados que ocorrem no discurso natural, entre outros. (FURTADO DA CUNHA; TAVARES, 2007, *apud* CUNHA; BISPO; SILVA, 2013, p. 15).

Dessa forma, entendemos que a gramática passa a ser vista com base nas situações concretas de comunicação, visto que são considerados não só os componentes morfossintáticos como também os discursivo-pragmáticos. Nesse sentido, a análise passa a ser holística, nas palavras de Rosário e Oliveira (2016, p. 236):

Tal reorientação corresponde ao Funcionalismo na contemporaneidade e concebe a estrutura linguística como derivada de processos cognitivos gerais, de acordo com Bybee (2010). Os usos linguísticos são, nesse âmbito, entendidos como produto da experiência, da rotinização e da perspectivização na e pela linguagem, entre outras motivações.

Isso significa dizer que a LFCU entende a língua como produto das situações comunicativas e, por essa razão, seu interesse em estudá-la e em investigar os elementos presentes na interação a fim de encontrar explicações para codificação morfossintática. Nessa perspectiva, as práticas comunicativas revelam a instabilidade da língua e sua aparente regularidade. De acordo com Traugott e Trousdale (2013), Rosário e Oliveira (2016, p. 236) definem a LFCU como:

(...) uma concepção mais ampla de contexto, que incorpora o entorno linguístico, incluindo sintaxe, morfologia, fonologia, semântica, inferência pragmática, modalidade (escrita/falada), e que leva em conta ainda propriedades mais amplas, como as sociolinguísticas (perfil dos interlocutores, tempo e espaço da interação) e as discursivas (sequência tipológica, gênero discursivo).

Portanto, cabe à LFCU buscar entender os fenômenos linguísticos com base nessa concepção mais ampla do contexto, descrevendo e explicando as mudanças que ocorrem tanto na sincronia da língua como em sua diacronia. Somado a isso, ressalta-se a nova perspectiva adotada em relação à mudança gramatical:

De acordo com tal perspectiva, a mudança linguística tanto pode ser tratada no nível da mudança procedural, que leva à migração categorial, no eixo da gramaticalização, quanto no nível da alteração somente de conteúdo, sem migração para classes mais fechadas, no eixo da lexicalização. (ROSÁRIO E OLIVEIRA, 2016, p. 236).

Desse modo, julgamos ser a LFCU uma base teórica coerente para este artigo, que se preocupa em descrever o fenômeno “como se não bastasse(m)” de maneira holística, considerando não só as propriedades morfossintáticas como também as discursivo-pragmáticas.

Após essa breve definição da base teórica para este trabalho, seguimos para a definição das propriedades construcionais da Gramática de Construções utilizadas em nossa análise.

Gramática de construções

Enquanto que o interesse do Funcionalismo Clássico recai sobre o item, na abordagem construcional da gramática, o foco está em analisar construções complexas oriundas das situações concretas de uso. Além disso, a essa abordagem interessa os esquemas mais abstratos da organização linguística. (ROSÁRIO E OLIVEIRA, 2016, p. 242).

Outro ponto relevante na abordagem construcional, nas palavras de Rosário e Oliveira (2016, p.242), é o fato de os processos de mudança linguística sempre emergirem a partir da interação dos falantes, que negociam novos significados no curso da interação. Conforme Traugott e Trousdale (2013) *apud* Rosário e Oliveira (2016, p. 242):

(...) nessa abordagem, a língua pode ser considerada como uma rede de pares de forma e significado. Essa rede, por sua própria natureza, apresenta diversos graus de instabilidade que conduzem ao processo de

mudança linguística. A partir dessa visão, é possível postular a existência de dois grandes processos: a construcionalização e as mudanças construcionais. (ROSÁRIO E OLIVEIRA, 2016, p. 236).

Essa perspectiva se preocupa em compreender como a mente conceptualiza a experiência do falante no mundo. Sendo assim, são fatores caros à teoria os graus de esquematicidade, produtividade e composicionalidade perpassados pela questão da (inter)subjetividade. (ROSÁRIO E OLIVEIRA, 2016, p. 242).

A esquematicidade origina do conceito de esquema, o qual diz respeito aos graus de abstratização inconscientemente percebidas pelos falantes a partir da experiência de padrões rotinizados. Sob esse viés, entende-se o nível de esquematicidade a partir de um *continuum*, há construções bastante esquemáticas e abstratas, assim como construções pouco ou medianamente esquemáticas. (ROSÁRIO E OLIVEIRA, 2016, p. 244).

A produtividade refere-se à frequência, a qual é de extrema importância para os estudos linguísticos, uma vez que ela pode ser responsável pela rotinização e cristalização de novos usos da língua. Segundo Traugott e Trousdale (2013, p.17),

Traugott e Trousdale (2013, p.17) afirmam que a produtividade de uma construção pertence ao nível dos esquemas e diz respeito a sua extensibilidade, ou seja, (i) o grau em que os esquemas sancionam outras construções menos esquemáticas; (ii) o grau em que tais esquemas são restringidos. (ROSÁRIO E OLIVEIRA, 2016, p. 245).

Nesse sentido, percebemos que a produtividade também é fator de importância para os estudos sob a perspectiva da gramática de construções. No entanto, neste trabalho, não utilizamos o conceito de produtividade em nossas análises devido ao número de dados coletados até a presente data. Assim, fizemos uma breve apresentação desse fator, com o intuito de mostrarmos a sua importância para os estudos na área.

O último fator, mas não menos importante, é o da composicionalidade. Esse fator faz referência ao grau de transparência entre forma e significado dos itens analisados. Neste artigo, por exemplo, analisamos a seguinte construção:

Quadro 1 – Composição da construção *como se não bastasse*

Como + se + não + bastasse flexionado ou não
--

Conforme observamos nas ocorrências analisadas, os usuários da língua têm instanciado essa construção como uma amálgama – um pareamento forma-significado menos composicional. Essa interpretação nos leva ao conceito de *chunk*, já que os componentes da construção se mostram vinculados de tal maneira que já não é possível alterar a sua estrutura nem inserir um elemento entre os constituintes da construção. Por isso, dizemos que a construção é menos composicional.

Essa primeira leitura, leva-nos à hipótese de que a construção caminha para uma cristalização na língua, tornando-se um *chunking*. Contudo, essa é apenas uma suposição tendo em vista que é preciso uma análise mais aprofundada dos dados coletados.

Para Traugott e Dasher (2002, p.20), o conceito de (inter)subjetividade é um relacionamento entre falante/escritor – ouvinte/leitor em que cada participante é um sujeito falante que está ciente do outro participante como sujeito falante. Para Finegan (1995, p. 1, *apud* Traugott e Dasher, 2002, p.20), na linguagem em uso, subjetividade “envolve a expressão do eu e a representação dos falantes... os pontos de vista do falante no discurso que tem sido chamado como marca do falante”.

Em nossas ocorrências, o contexto em que a construção “como se não bastasse” está inserido é marcado pela avaliação feita pelo falante sobre determinado evento. E essa avaliação evidencia a presença da subjetividade no contexto de uso, visto que o evento é avaliado do ponto de vista do falante.

Nesta seção, apresentamos alguns conceitos importantes sobre a gramática de construções para o nosso artigo. Na próxima seção, tratamos da metodologia aplicada para este trabalho e, em seguida, fazemos a análise dos dados.

Metodologia

A base de dados deste artigo é o *Corpus do Português* (disponível em <https://www.corpusdoportugues.org>). Atualmente, o *corpus* apresenta duas interfaces – uma a antiga e outra mais atual – para este trabalho utilizamos a interface nova cuja base de dados contém um bilhão de palavras, segundo o próprio site informa.

Sob um viés sincrônico, são analisadas nesta pesquisa 30 ocorrências da construção “como se não bastasse(m)” na modalidade escrita do português brasileiro. Nesta fase inicial, nosso objetivo é fazer apenas uma análise qualitativa dos dados.

Análise dos dados

A partir do levantamento das 30 ocorrências instanciadas por “como se não bastasse(m)”, traçamos dois padrões da construção, a saber:

Quadro 2: Padrões da construção *Como se não bastasse(m)*

Padrão 1	Padrão 2
- anafórico	+ anafórico
- conector externo	+ conector externo
+ composicional	- composicional

O quadro 2 apresenta os traços que conseguimos perceber nesta primeira análise dos dados. Sendo 1 a construção mais prototípica, tendo em vista que carrega o valor semântico de cada componente da construção e apresenta o **sujeito** do verbo *bastar*. A construção 2 parece recuperar uma porção maior do texto – o que marca a sua função conectora textual – e seus componentes estão mais vinculados entre si, por isso são menos composicionais. Vejamos os exemplos (3), (4) e (5):

(3) Pelo visto, teremos apenas as versões de cinema em março, mesmo que os fãs sigam DETONANDO esse lançamento em a Amazon, vejam: Quase 90 % de resenhas com apenas uma estrela, revelando que versão de cinema realmente NÃO INTERESSA a o público fã de a saga. O curioso é que além de tudo isso que rola por lá em os EUA, parece que a urucubaca é fortíssima para os fãs brasileiros de Senhor dos Anéis. *como se não bastasse* as estendidas não terem saído aqui em o país em DVD (pois o Sr.=Mistério achou que ninguém compraria), agora essa lenga-lenga com o BD em os EUA! Sobre o autor Jotacê é viciado em DVDs desde 2004 (começou tardiamente, em a idade de o metal discóide furado). (<http://bjc.uol.com.br/2009/09/10/blu-ray-de-senhor-dos-aneis-so-no-ano-que-vem/>, acesso em julho de 2018)

(4) O Ministério de o Esporte, que era dado a algum partido como prêmio de consolação, passou a ser cobiçado até por o faminto PMDB, por a visibilidade que terá até 2.016 e, principalmente, por o dinheiro que vai passar por os seus cofres. Lamentaria muito se Orlando Silva permanecesse em o cargo. *como se não bastasse* a política fracassada de massificar o esporte, as histórias de que tenho conhecimento são de arrepiar. Silva optou por os ricos. Deslumbrou- se com o mundo olímpico e de a FIFA. Silva e equipe têm que sair. Sobre Manuela, sei

pouco, ou quase nada.
(<http://albertomurray.wordpress.com/2010/11/21/manuela-davila-sera-ministra-dos-esportes-sera-que-ela-tera-coragem-de-mudar-as-coisas/>, acesso em julho de 2018)

(5) a opinião de um alguém em o primeiro parágrafo de um texto cuja razão de existir nem é essa opinião é ridículo. Seria como eu escrever uma notícia assim: Massacre de golfinhos pinta de vermelho a costa de a Islândia Para o ambientalista Heinz Stephen-Carlisson, diretor de a Casa do Cetáceo de Reiquiavique, o derramamento de sangue mostra que, até prova em contrário, Moby Dick é baleia cachalote e não golfinho. Ufa! Sem contar que, implicitamente, o repórter acaba fazendo sua, a opinião de o delegado, editorializando a notícia. *como se não bastasse* ser a favor de a matança de ladrões de celular, nosso nobel de Literatura do Diário, ainda usa em o título uma palavra que ele parece não entender muito bem. Piriguete, como qualquer inteligência mediana desconfia, é o termo pejorativo (e machista) usado pra mulheres que frequentam festas de aparelhagem, bailes funks etc, atrás de parceiros sexuais. (<http://amortecedor.wordpress.com/>, acesso em julho de 2018)

A sequência de ocorrências observadas acima exemplifica o padrão 1, que é o prototípico da construção. No exemplo (3), A presença do sujeito oracional do verbo *bastar* “as estendidas não terem saído aqui em o país em DVD (pois o Sr.=Mistério achou que ninguém compraria)” mostra que a construção “como se não bastasse” ainda carrega o significado de seus componentes. Nesse sentido, observa-se que a construção apresenta menor nível de vinculação de suas partes. É, portanto, mais composicional. Além disso, de acordo com a perspectiva do falante, o segundo evento traz a informação mais relevante em relação àquele presente na oração com a qual se combina “agora essa lenga-lenga com o BD em os EUA!”. E, neste caso, construção pertence a um contexto pragmático de avaliação negativa, depreciativa.

Em (4) e (5), observamos a mesma estrutura sintática. Em ambos, há presença do ssujeito do verbo *bastar* e a informação mais relevante se encontra no primeiro evento. Assim, reiteramos que essas duas ocorrências também são instanciadas pela construção *como se não bastasse* carregando ainda o significado de suas partes. Somado a isso, evidenciamos que nas duas ocorrências o contexto pragmático é de avaliação negativa, depreciativa, como ocorre em (3).

Comparemos os exemplos (3), (4) e (5) aos exemplos (6), (7) e (8):

(6) (O que eu não podia imaginar era que dentro de a sala eu me depararia com um calor humano ainda maior e fora de o comum.) O coordenador ia lendo o roteiro de a reunião, explicando a proposta de recuperação de a Irmandade, mas o ponto alto era a sucessão de depoimentos de homens e mulheres que tinham a coragem de falar de si mesmos, de suas fraquezas e dificuldades de forma extremamente honesta. Fui me emocionando cada vez mais, enquanto tentava aproveitar cada palavra dita em aquele grupo tão diferente e especial. **como se não bastasse**, fui cercada de atenções e acolhimento em a hora de o intervalo, assim como o rapaz que eu acompanhava, que era um alcoólico procurando ajuda. A sensação era de que finalmente havíamos encontrado um lugar em que o alcoolismo de ele seria compreendido e também que ali teria chance de mudar o rumo de sua vida. (<http://aabr.com.br/ver.php?id=185&secao=16>, acesso em julho de 2018)

(7) um silêncio, a um profundo silêncio, de uma de suas performances feita em o MoMA (Museu de Arte Moderna) em Nova York, em 2010. Em a performance, Marina se propôs a ficar, durante 1 minuto, sentada diante de qualquer pessoa em silêncio. O ato se repetiu durante 3 meses, seis dias por semana, sete horas e meia por dia. Homens e mulheres anônimos, de diferentes cores e nacionalidades, sentaram- se diante de a artista e verteram lágrimas. A cena, sozinha, já seria emocionante. **como se não bastasse**, um de seus antigos -- e maiores -- amores, de quem ela havia se separado há 23 anos e com quem havia combinado nunca mais se encontrar, pegou uma senha e sentou- se diante de ela. O minuto que se seguiu já circulou exaustivamente em as redes sociais, mas, dentro de o contexto de o documentário, maximiza- se. (<http://abrcasa.com.br/blog/coletivocasa/2013/07/>, acesso em julho de 2018)

(8) de a Praia do Futuro e de a marcação de os triângulos por as ruas chapadas a a luz, e os oitizeiros; te escrevi. E sem qualquer esperança que me respondesses. Afinal, já iam uns bons três anos que eu não publicava nada em os jornais de Fortaleza, e, como sabes, as pessoas esquecem rápido. E nem blogue a gente tinha a aquela altura de o retorno. Além disso, estavas uma geração adiante. O que é bastante e suficiente para que a gente se olhasse em prevenção. E, **como se não bastasse**, aqueles eram tempos de conexões discadas e precárias. E de meios semelhantes a as promessas de encontrar, que a gente sempre faz a amigos distantes e conhecidos próximos, a saber que nunca que irão acabar em boa cerveja. Quer dizer, era bastante incerto se chegavam ou não. (<http://afetivagem.blogspot.com/2012/09/olha-airton.html>, acesso em julho de 2018)

As ocorrências observadas são instanciadas pela construção “como se não bastasse” aparecendo com maior nível de vinculação entre seus componentes e apresentando traço mais anafórico, dado que recuperam porções maiores do texto e não possuem sujeito. A ocorrência (6), por exemplo, configura uma ideia de gradação, porquanto o falante insere a construção em um contexto pragmático cujas informações se

dão em um *continuum* de importância. Há uma intensificação dos fatos relatados, sendo a informação mais relevante aquela à direita da construção – marcando a subjetividade do falante.

Em (7) e (8), verificamos a mesma tendência, isto é, o falante transmite as informações com base em um *continuum* de relevância, evidenciando que a mais importante se encontra também à direita da construção “como se não bastasse”. Em relação ao contexto pragmático de avaliação, verificamos que, nos exemplos (6) e (7), a construção é instanciada em um contexto de avaliação positiva, o que corrobora a hipótese de que a construção recebe o seu significado com base na avaliação do falante.

A intensificação dos fatos relatados fica ainda mais evidente ao analisarmos ocorrências como em (9), observemos:

(9) Então, com ajuda de os sites 2s pare.com e Lo Interessante, apresentamos uma lista de 10 coincidências estranhas e surpreendentes. 1. A Maldição de o Raio Parece que toda a família está amaldiçoada quando três de seus homens, de diferentes gerações, morreram de a mesma forma e em o mesmo lugar. A história começou em 1899, quando um raio matou um homem que estava em seu quintal em Taranto, Itália. A vida continuou, mas 30 anos depois de seu filho foi morto de a mesma forma em o mesmo lugar. *como se não bastasse*, em 8 de outubro de 1948, Rolla Primarda, o neto de a primeira vítima e filho de o segundo, se tornou o terceiro em a lista a morrer de a mesma forma que seus ancestrais. 2. A passagem de o Halley Provavelmente, a vida de Mark Twain é uma de os mais conhecidas e comentadas em o mundo. É a história de um escritor que nasceu em 1835, em o mesmo dia em que o cometa Halley fez uma de suas aparições em a (<http://ahduvido.com.br/dez-curiosidades-historicas-que-voce-nao-vai-acreditar>, acesso em julho de 2018)

No exemplo (9), é possível verificar a intensificação dos fatos a partir da terceira linha, quando o falante relata que vai apresentar 10 coincidências estranhas. Essa declaração cria uma expectativa no leitor de que a sequência das ações se dará de forma gradativa. E a ocorrência reforça a ideia de que a subjetividade influencia as propriedades morfossintáticas da língua. Vejamos os exemplos (10) e (11):

(10) o ser humano. "« Apesar de o medo funcionar como um sistema de segurança, o homem também sente a necessidade de ir além. É por isso que a humanidade está sempre se superando, fazendo invenções, criando tecnologia "», explica ela. Loucura com segurança Para algumas pessoas não basta somente um esporte radical, não. Tem gente que pratica rapel, rafting, surf, bungee jump, escalada e mais a aventura que vier por a frente. É o caso de a atleta e apresentadora de TV Dani

Monteiro, que aliás, *como se não bastasse*, é tri-campeã de windsurf. Ela explica porque o perigo a fascina. "« A sensação de autoconfiança que a superação de limites te traz acaba influenciando os outros âmbitos de a sua vida. Você fica mais segura para agir, seja qual for a situação "», diz ela. Você deve estar pensando "« quem me dera ter essa coragem! ", mas saiba que o melhor amigo de a bravura é justamente o medo. "« Todo dia passa por a minha cabeça que algo pode dar errado. (<http://ajudaemocional.tripod.com/id242.html>, acesso em julho de 2018)

(11) para fugir. " Ela resolve usar os livros como terapia, e para tanto resolve que lerá um livro por dia durante o período de um ano. Um projeto audacioso, ao menos pra eu imaginar, já que ela é mãe de 4 filhos, mas ela consegue. Faz todo um planejamento, se propõe a não ler o mesmo autor duas vezes, seu número de páginas lidas em 1 hora não pode ser menor que 70 e procura não ler calhamaços, ou seja, nenhum livro com mais de 250 a 300 páginas! E *como se não bastasse*, o compromisso com si mesma vai um pouco mais além, fazer também uma resenha por dia, que ela publicaria religiosamente em seu blog, que mantém até hoje, veja aqui! Entre as suas leituras muitas que não são nem de longe nossas conhecidas, no entanto há muitos autores e livros já editados em o Brasil, como os lindos Mia Couto e José Eduardo Agualusa, Kasuo Ishiguro, Stephenie Meyer, Tolstoi, Roberlo=Bolaño, Camus, Saramago e muitos outros, muitos mesmo! O livro é (<http://almadomeusonho.blogspot.com/2013/04/resenha-o-ano-da-leitura-magica-nina.html>, acesso em julho de 2018)

Os exemplos (10) e (11) só comprovam a emergência de novos contextos instanciados pela construção *como se não bastasse*. Em ambas as ocorrências, o contexto pragmático de avaliação do falante é positivo. Além disso, verificamos a mudança na configuração morfossintática em que se encontra a construção.

Considerações Finais

Nesta pesquisa, procuramos evidenciar, à luz da LFCU, os contextos de uso instanciados pela construção *como se não bastasse* através da análise de dados retirados da interface nova do *Corpus do Português* na modalidade escrita do português brasileiro. O fato de as abordagens tradicionais não contemplarem os contextos de uso da língua evidencia a necessidade de uma análise linguística do objeto estudado.

Essa primeira análise de dados mostra a emergência da construção em um novo contexto de uso. Conjectura-se que isso decorre das necessidades comunicativas do falante que, ao rotinizar certas construções na língua, pela força do uso, acabam por torná-las mais abstratas e, conseqüentemente, disponíveis em novos contextos. Essa

constatação nos leva à evidência não mais um contexto pragmático limitado à avaliação negativa, mas também a possibilidade da construção ser instanciada em um contexto de avaliação positiva.

Essa pesquisa é apenas o início de uma investigação linguística que será aprofundada. Dessa forma, torna-se imprescindível a continuidade deste trabalho, visando a contribuição para os estudos na área da Linguística.

Referências Bibliográficas

BECHARA, Evanildo. Moderna Gramática Portuguesa. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.

BYBEE, J. 2010. *Language, Usage and Cognition*. New York: Cambridge University Press.

CUNHA, Maria Angélica Furtado; BISPO, Edvaldo Balduino; SILVA, José Romerito. Linguística Funcional Centrada no Uso: conceitos básicos e categorias analíticas. In:

CEZARIO, Maria Mauro; CUNHA, Maria Angélica Furtado. *Linguística Centrada no Uso: uma homenagem a Mário Martelotta*. Rio de Janeiro: Mauad X : FAPERJ, 2013.

FURTADO DA CUNHA, M. A.; COSTA, M. A. & CEZARIO, M. M. Pressupostos teóricos fundamentais. In: FURTADO DA CUNHA, M. A.; OLIVEIRA, M. A. R. & MARTELOTTA, M. E. *Linguística funcional: teoria e prática*. Rio de Janeiro: Faperj/DP&A, 2003, p. 30-34.

GOLDBERG, A. 1995. *Constructions: a construction approach to argument structure*. Chicago: The University of Chicago Press.

_____. 2006. *Constructions at work: the nature of generalization in language*. Oxford: Oxford University Press. Chicago: The University of Chicago Press.

ROCHA LIMA, Carlos Henrique da. Gramática normativa da língua portuguesa. 49. ed., Rio de Janeiro, José Olympio, 2011.

ROSÁRIO, I. C; OLIVEIRA, M.R. (Org.) *Linguística centrada no uso – teoria e método*. Rio de Janeiro: Lamparina, FAPERJ, 2015.

ROSARIO, I. C; OLIVEIRA, M. R. 2016. Funcionalismo e abordagem construcional da gramática. *Alfa: Revista de Linguística* (UNESP. Online), v. 60, p. 233-259.

TRAUGOTT, E; DASHER, R. 2002. *Regularity in semantic change*. Cambridge: Cambridge University Press.

TRAUGOTT, E; TROUSDALE, G. 2013. *Constructionalization and Constructional Changes*. Oxford: Oxford University Press.